A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR E DA ARTE NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

PATRÍCIA APARECIDA DE SÁ ROSA

INTRODUÇÃO

Para que as crianças possam exercer sua capacidade de criar é imprescindível que haja riqueza e diversidade nas experiências que lhes são oferecidas tanto nas instituições escolares, como em casa, sejam elas voltadas às brincadeiras ou as aprendizagens que ocorrem por meio de uma intervenção direta. Logo, é notável que o brincar está intrinsecamente ligado ao processo educativo das instituições escolares, assim como a arte, entendendo que esta é uma das atividades mais importantes no desenvolvimento da criança.

Assim sendo, o lúdico é considerado como importante fator no processo ensino e aprendizagem. É durante a infância que ocorrem interações entre o mundo e o meio em que a criança vive, ocorrendo uma aprendizagem significativa. Logo, o brincar auxilia na aprendizagem fazendo com que as crianças criem conceitos, ideias, em que se possam construir explorar e reinventar os saberes. Assim, refletem sobre sua realidade e a cultura em que vivem.

De acordo com Vygotsky (1987), um dos principais representantes dessa visão, o brincar é uma atividade humana criadora, na qual imaginação, fantasia e realidade interagem na produção de novas possibilidades de interpretação, de expressão e de ação pelas crianças, assim como novas formas de construir relações sociais com outros sujeitos, crianças e adultos.

Os pais quando contam histórias para seus filhos, exercitam a arte sem que percebam. A criança quando apronta algo escondido, os pais dizem que esta criança está "fazendo arte", portanto, "fazer arte" é fazer o diferente, algo novo, é refletir, planejar e executar uma ação que expressa algo (BRASIL, 1998).

Com base no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, (RCNEI), Brasil, (1998):

A criança é um ser social que nasce com capacidades afetivas, emocionais e cognitivas. Tem desejo de estar próxima às pessoas e é capaz de interagir e aprender com elas de forma que possa compreender e influenciar seu ambiente. Ampliando suas relações sociais, interações e formas de comunicação, as crianças sentem-se cada vez mais seguras para se expressar (p.21) Suas vivências e sentimentos respeitados fazem dela um ser único, singular, caracterizando assim seu eu interior, valorizando-se sua própria maneira de estar no mundo.

Contudo, a criança é um ser em constante fase de crescimento capaz de agir, interagir, descobrir e transformar o mundo, com habilidades, limitações e potencialidades.

De acordo com Referencial Curricular Nacional de Educação:

A brincadeira é uma linguagem infantil que mantém vínculo essencial com aquilo que é o "não brincar" a brincadeira é uma ação que ocorre no plano da imaginação isto implica que aquele que brinca tenha o domínio da linguagem simbólica. Isto quer dizer que é preciso haver consciência da diferença existente entre a brincadeira e a realidade imediata que lhe forneceu conteúdo para realizarse. Neste sentido, para brincar é preciso apropriar-se de elementos da realidade imediata de tal forma a atribuir-lhes novos significados. Essa peculiaridade da brincadeira ocorre por meio da articulação entre a imaginação e a imitação da realidade (RCNEI, p.27, 1998).

De acordo com Lima, 2009 a brincadeira infantil envolve elementos distintos e aciona áreas especificas do cérebro. Sendo assim, para a criança, é de grande importância realizar várias brincadeiras continuamente.

Segundo Nunes (1997), o desenvolvimento das crianças ocorre desde o nascimento através da interação com o meio em que vive possibilitando às crianças a aprendizagem e o avanço de suas capacidades. Desta forma adquire maturação que lhe servirá de base, para a vida adulta. As atividades lúdicas fazem parte do desenvolvimento das crianças, uma vez que o brincar possibilita situações de aprendizagem, de maneira que aconteça de forma natural, prazerosa e sugestiva, pois não podemos falar de infância sem relacionar com ludicidade.

Assim como a arte que também está presente em nossa vida desde quando nascemos e expressar-se por meio da arte é algo que acontece há milhares de anos, com os primeiros habitantes da terra, que se expressavam em suas cavernas e pedras através da pintura. Logo assim como a brincadeira não deve ser vista como algo sem significado a arte vai além de tintas num simples papel, ou seja, ela está em todas as criações e expressões do ser humano.

Contudo, o brincar, expressar-se através da arte, assim como os jogos, é uma importante forma de comunicação, é por meio destes atos que a criança pode reproduzir o seu cotidiano. O ato de brincar possibilita o processo de aprendizagem da criança, pois facilita a construção da reflexão, da autonomia e da criatividade, estabelecendo, desta forma, uma relação estreita entre jogo, arte

e aprendizagem.

Segundo Piaget, a criança inicia o seu desenvolvimento desde o período intrauterino e vai até os 16 anos. Já a construção do conhecimento se dá a partir de etapas encadeadas e com ritmo os crescentes.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (BRASIL, 1998,p. 27, v.01):

O principal indicador da brincadeira, entre as crianças, é o papel que assumem enquanto brincam. Ao adotar outros papéis na brincadeira, as crianças agem frente à realidade de maneira não-literal, transferindo e substituindo suas ações cotidianas pelas ações e características do papel assumido, utilizando-se de objetos substitutos.

Logo, o mundo do faz de conta é fundamental para o desenvolvimento infantil, crianças que imaginam são mais criativas e mostram seu poder de interpretar, principalmente os personagens que elas têm mais afinidade. Assim, educar com arte ajuda a criança a construir o seu mundo real de uma maneira lúdica, se descobrindo e, muitas vezes, revelando talentos. Contudo, o universo da arte é amplo e precisa ser explorado e experimentado para ajudar na construção do desenvolvimento infantil, formando adultos criativos e criadores.

[...] é na cotidianidade que os conceitos sociais e culturais são construídos pela criança, por exemplo, os de gostar, desgostar, de beleza, feiúra, entre outros. Esta elaboração se faz de maneira ativa, a criança interagindo vivamente com pessoas e sua ambiência (Ferraz; Fusari 1993).

A década de 1970 trouxe consigo a ideia de que as crianças, particularmente aquelas mais pobres, eram privadas culturalmente, apresentando carência e deficiência que deveriam ser supridas por "educação compensatória".

De acordo com Kramer (2003):

[...] as crianças das classes populares fracassam porque apresentam "desvantagens sócio culturais", ou seja, carência de ordem social. Tais desvantagens são perturbações, ora de ordem intelectual ou linguística, ora de ordem afetiva (Kramer, p.32, 2003).

Por conseguinte é importante que as crianças convivam em ambientes que possam manipular objetos, brinquedos e interagir com outras crianças e principalmente que possam criar experimentar, interagir com a arte, pois o brincar é uma importante forma de comunicação.

Contudo, é importante ressaltar que a brincadeira não é algo pronto no nascer do ser humano, ou seja, aprende-se a brincar desde cedo. Nesse contexto, o papel do professor como mediador deve ser revisitado, o que incidirá nas suas intervenções a serem praticadas na realidade da Educação Infantil contemporânea.

Segundo Oliveira (2000) o brincar não significa apenas recrear, é muito mais, caracterizando-se como uma das formas mais complexas que a criança tem de comunicar-se consigo mesma e com o mundo, ou seja, o desenvolvimento acontece através de trocas recíprocas que se estabelecem durante toda sua vida. Assim, através do brincar a criança pode desenvolver capacidades importantes como a atenção, a memória, a imitação, a imaginação, ainda propiciando à criança o desenvolvimento de áreas da personalidade como afetividade, motricidade, inteligência, sociabilidade e criatividade.

A experiência do brincar, e da arte cruzam diferentes tempos e lugares, passados, presentes e futuros, sendo marcadas do mesmo tempo pela continuidade das brincadeiras da velha infância e pela mudança da infância contemporânea.

Assim, esse novo cenário que se constitui no Brasil com perspectiva de construção de uma nação moderna, possibilitou a assimilação, por parte da elite do país, das propostas educacionais do movimento das Escolas Novas, elaborados em meio às transformações sociais ocorrida na Europa e trazidas ao Brasil pela influencia americana e europeia.

Oliveira (2005) destaca que:

O jardim de infância é um desses "produtos" importados para atender inicialmente, as crianças das famílias mais abastadas enquanto a creche se destinava ao atendimento, assistencialista, das crianças pobres da classe operaria (Oliveira, p.22, 2005).

Portanto, não só no Brasil como em outros países, a inserção dos sistemas pedagógicos pré-escolares revela o aparecimento da infância como categoria social diferenciada do adulto em função de sua brincadeira.

A ideia do brincar associado ao prazer era considerada causadora da corrupção infantil e não como espaço para educação nas instituições assistencialistas como creches e os asilos de crianças, geralmente mantidos por entidades filantrópicas e religiosas, o brincar era negado, pois não se harmonizava com a natureza da criança pobre asilada ou frequentadora da escola de tempo integral, uma vez que emergia a imagem da criança má que precisava ser domesticada, disciplinada para não cair em desvios de conduta.

Segundo o pesquisador francês Philippe Ariès, (1981), a criança era vista como um adulto em miniatura nos séculos XIV, XV e XVI, e o tratamento dado a ela era igual ao dos adultos, pois logo se misturavam com os mais velhos.

Assim, o importante era que as crianças crescessem rapidamente para participarem do trabalho e atividades dos adultos. A criança aprendia através da prática, e os

trabalhos domésticos eram considerados uma forma comum de educação. Os colégios eram reservados a um pequeno número de clérigos.

Foi entre os séculos XVI e XVII que a criança começa a ser percebida como um ser diferente dos adultos. A educação desse período pretendia torná-las pessoas honradas, portanto, a educação passou a ser teórica e não prática. Já no século XVIII, a criança foi vista como alguém que precisava ser cuidada, escolarizada, época em que se isolaram as crianças dos adultos e os ricos dos pobres. No século XX, surge um novo sentimento em relação à infância, havendo um crescimento significativo quanto ao conhecimento da criança.

De acordo com RCNEI, Brasil, (1998), brincar funciona como um cenário no qual as crianças tornam-se capazes não só de imitar a vida como também de transformá-la.

É através do brincar que a criança forma conceitos, seleciona ideias, percepções e se socializa cada vez mais.

Na fase da educação infantil as atividades artísticas contribuem com ricas oportunidades para seu desenvolvimento, uma vez que põem ao seu alcance diversos tipos de materiais para manipulação, além da arte espontânea que surge em brincadeiras ou a partir de uma proposta mais direcionada.

Segundo Kishimoto, (2001), enquanto a criança brinca, sua atenção está concentrada na atividade em si e não em seus resultados ou efeitos.

Não se deve esquecer que o brincar é uma necessidade física e um direito de todos.

O brincar é uma experiência humana, rica e complexa.

O lúdico, o teatro, a dança, a pintura, o desenho, a criatividade, o conto de fadas, fazem parte de um momento em que as crianças se expressam, comunicam e transformam a vida na relação com a arte, ou seja, "somos potencialmente criadores, possuímos linguagens, fazemos cultura" (Pires, 2009).

Brincar constitui-se, dessa forma, em uma atividade interna das crianças, baseada no desenvolvimento da imaginação e na interpretação da realidade, sem ser ilusão ou mentira. Também se tornam autoras de seus papéis, escolhendo, elaborando e colocando em práticas suas fantasias e conhecimentos, sem a intervenção direta do adulto, podendo pensar e solucionar problemas de forma livre das pressões situacionais da realidade imediata (BRASIL, 1998, p.23).

No entanto, a presença do jogo e das brincadeiras na escola nem sempre era bem vista. Muitos pais questionavam o uso dos jogos e dos brinquedos alegando que seus filhos não frequentavam a escola para brincar, remetendo à atividade lúdica infantil um caráter de futilidade. Para eles, a escola era lugar de estudar, numa alusão a ideia de Importante para o desenvolvimento, físico, intelectual e social, o jogo vem ampliando sua importância deixando de ser um simples divertimento e tornando-se ponte entre a infância e a vida adulta. Vygotsky (1998) afirma que o jogo infantil transforma a criança, graças à imaginação, os objetivos produzidos socialmente. Assim, seu uso é favorecido pelo contexto lúdico, oferecendo à criança a oportunidade de utilizar a criatividade, o domínio de si, à firmação da personalidade, e o imprevisível.

Contudo a partir dos anos 30 no Brasil, o uso dos jogos e das brincadeiras lúdicas dirigidas pelo professor é utilizado como forma de garantir transmissão de conteúdos escolares, particularmente nos jardins de infância e/ou pré-escolas.

E assim, a ação lúdica da criança, a possibilidade de explorar, descobrir, inventar, destruir e construir, é abafada pela direção imposta pelo professor em relação ao jogo ou brincadeira.

Brincar é uma prática cultural. Essa afirmação já define a brincadeira como uma necessidade própria da infância através da qual a criança se humaniza, apropriandose das formas humanas de comunicação e familiarizando-se com os processos de interação social: ela aprende a ouvir, a esperar a sua vez, a negociar, a defender seu ponto de vista, a rir com as outras crianças, a criar. Brincar envolve emoção e humor, dimensões importantes na relação entre as pessoas. É através do brincar que a criança desenvolve a perícia do movimento de braços, pernas e do corpo no espaço. Noções de em cima, embaixo, esquerda, direita, um lado outro lado são formadas nas brincadeiras. Brincando a criança desenvolve a rotação em eixo do próprio corpo e a lateralidade.

A criança aprende a lidar com a escolha, por exemplo, em atividades paralelas à própria brincadeira como "o pique". Aprende a resolver conflitos: pisou na linha na amarelinha ou não pisou? Relou ou não relou no pique?

De acordo com Lima (2009) a autora afirma que:

Do ponto de vista do desenvolvimento interno, brincar exercita a imaginação e a memória. Além disso, brincar funciona como um processo complexo de desenvolvimento da função simbólica da infância. Tudo isso possibilita à criança ter acervos na memória que ela utilizará ao longo da sua vida. Por exemplo, ao se apropriar dos "roteiros" da sequência da brincadeira, a criança desenvolve a memória operacional e aprende, também, a organizar o comportamento segundo regras externas.

As brincadeiras acompanhadas de cantigas têm a função complementar de de-

senvolver a rima, a sintaxe e, também, de cadenciar o movimento segundo ritmos estabelecidos e melodias. Nós sabemos hoje, que a música atua diretamente no cérebro, desenvolvendo áreas para ritmo e melodia, áreas essas que são funcionais e necessárias para a aprendizagem da leitura e da escrita.

Contudo, brincar é uma atividade da infância, mas é muito importante entendê-la como uma prática de cultura. Ou seja, uma das estratégias que a espécie humana tem para que seus novos membros, as crianças, apropriem-se das normas culturais de seu grupo e desenvolvam comportamentos absolutamente necessários ao seu desenvolvimento posterior.

Portanto, enquanto ações humanas, a arte, o jogo e a brincadeira são também situações de construção de significado, de indagação e de transformação do próprio significado. São atividades que envolvem emoções, afetividades, estabelecimento e ruptura de laços e compreensão da dinâmica interna que perpassa a ligação entre as pessoas, um jogo ou uma brincadeira com a participação de mais de uma pessoa sempre implica trocas, partilhas, confrontos e negociações.

Assim é durante a infância que ocorrem interações entre o mundo e o meio em que a criança vive, ocorrendo uma aprendizagem significativa. A infância conhecida como a etapa das brincadeiras, do lúdico, logo se pensa no brincar, é nessa etapa que a criança aprende brincando. Ao lembrarmo-nos de criança e infância, automaticamente lembramo-nos de educação, ou seja, na educação infantil.

A criança brinca para conhecer-se a si própria e aos outros em suas relações recíprocas:

- para aprender as normas sociais de comportamento e os hábitos determinados pela cultura;

- para conhecer os objetos em seu contexto, ou seja, o uso cultural dos objetos;

- para desenvolver a linguagem e a narrativa;

- para trabalhar com o imaginário;

- para conhecer os eventos e fenômenos que ocorrem à sua volta e as relações entre os membros de um mesmo grupo. A brincadeira infantil é uma forma de perpetuar, para a espécie, as atividades necessárias ao desenvolvimento da infância.

Logo, podemos destacar: A imitação – A imitação é uma estratégia básica de desenvolvimento na infância. Ela já está presente no momento do nascimento, quando o bebê é capaz de imitar nos primeiros minutos de vida extrauterina o movimento feito por outra pessoa, como mostra a língua ou abrir a boca, em bocejo.

A imitação tem um papel importante do desenvolvimento da função simbólica, pois o movimento também leva à formação de imagem no cérebro. Essa "disposição" para imitar continuará presente em toda a infância como um dos meios eficientes para que a criança se constitua como um ser de cultura.

Em relação ao desenvolvimento da fala, a imitação dos sons percebidos permite que a criança pequena forme os fonemas da língua materna. E, através da repetição, ela forma na memória padrão rítmico, linha melódica e rimas.

Assim, as pessoas mantêm relações entre si que são, em grande parte, definidas pelos papéis que elas desempenham. Conhecer esses papéis compreende-los como forma de comportamento no meio e realizar sua inserção nesse meio são tarefas que a criança executa através do brincar.

Contudo, a educação infantil tem como finalidade o desenvolvimento absoluto das crianças até cinco anos de idade e é nessa etapa que as crianças descobrem novos valores, sentimentos, costumes, ocorrendo também o desenvolvimento da autonomia, da identidade e a interação com outras pessoas. Independente da época, cultura e classe social, o brincar faz parte da vida das crianças, pois vivem em um mundo de fantasias, onde a realidade e o faz-de-conta se confundem.

Portanto, garantir um espaço de brincadeira e arte na escola é garantir a educação numa perspectiva criadora, em que a brincadeira é o lugar de socialização, da administração da relação com o outro, da apropriação e produção da cultura, do exercício da decisão e da criação. Logo, o professor pode intervir nesse tipo de atividade para enriquecê-la e alimentar o envolvimento da criança, pois é através do lúdico que o professor obtém informações valiosíssimas sobre seus alunos além de estimulá-los na criatividade, autonomia, interação com seus pares, na construção do raciocínio lógico matemático, nas representações de mundo e de emoções, ajudando assim na compreensão e desenvolvimento do universo infantil.

Assim, através da observação do lúdico, o educador pode obter importantes informações sobre o brincar. Essas informações definem critérios como: quanto tempo uma determinada brincadeira ou jogo envolvem as crianças, quais as competências dos jogadores, qual o grau de criatividade, de autonomia, iniciativa e criticidade, quais as linguagens utilizadas pelos envolvidos, se possuem interesse, motivação, afetividade, emoções e satisfação pelo brincar, se demonstram colaboração, competitividade, interação, construção de raciocínio, argumentação e opinião.

Estudos feitos na antropologia, sociologia, psicologia, linguística, e outras áreas do conhecimento têm apontado que brincar é

o principal modo de expressão da infância, a ferramenta por excelência para a criança aprender a viver, revolucionar seu desenvolvimento e criar cultura. A criança teria na brincadeira que faz com outra criança, ou sozinha, oportunidade para usar seus recursos para explorar o mundo, ampliar sua percepção sobre ele e sobre si mesma, organizar seu pensamento e trabalhar seus afetos, sua capacidade, ter iniciativa e ser sensível a cada situação

Em especial o brincar faz de conta é apontado por diferentes pesquisadores como ligado a promoção da capacidade de imaginar pela criança. (Orientações curriculares, Expectativas de aprendizagem e orientações didáticas, 2007).

Para PIAGET (1971), quando brinca, a criança assimila o mundo à sua maneira, sem compromisso com a realidade, pois sua interação com o objetivo não depende da natureza do objeto, mas da função que a criança lhe atribui. O brincar representa uma fase no desenvolvimento da inteligência, marcada pelo domínio da assimilação sobre a acomodação, tendo como função consolidar a experiência passada.

Para Vygotsky, os processos psicológicos são construídos a partir de injunções do contexto sociocultural. Seus paradigmas para explicitar a brincadeira infantil, localizam-se na filosofia que concebe o mundo como resultado de processos históricos sociais que alteram não só o modo de vida da sociedade, mas inclusive as formas de pensamento do ser humano.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (BRASIL, 1998, p. 27, v.01):

O principal indicador da brincadeira, entre as crianças, é o papel que assumem enquanto brincam. Ao adotar outros papéis na brincadeira, as crianças agem frente à realidade de maneira não literal, transferindo e substituindo suas ações cotidianas pelas ações e características do papel assumido, utilizando-se de objetos substitutos.

Logo, na educação de modo geral, e principalmente na Educação Infantil o brincar é um potente veículo de aprendizagem experiencial, visto que permite, através do lúdico, vivenciar a aprendizagem como processo social. A proposta do lúdico é promover uma alfabetização significativa na prática educacional, é incorporar o conhecimento através das características do conhecimento do mundo. O lúdico promove o rendimento escolar além do conhecimento, oralidade, pensamento e o sentido.

No entanto, compreende-se que educar é acima de tudo a inter-relação entre os sentimentos, os afetos e a construção do conhecimento. Assim, muitos educadores têm a concepção que se aprende através da repetição, não tendo criatividade e nem vontade de tornar a aula mais alegre e interessante, fazendo com que os alunos mantenham distantes, perdendo com isso a afetividade e o carinho que são necessários para a educação. A criança necessita de estabilidade emocional para se envolver com a aprendizagem. O afeto pode ser uma maneira eficaz de aproximar o sujeito e a ludicidade em parceria com professor-aluno, ajuda a enriquecer o processo de ensino-aprendizagem. E quando o educador dá ênfase às metodologias que alicerçam as atividades lúdicas, percebe-se um maior encantamento do aluno, pois se aprende brincando.

A criança como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico. É profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve, mas também o marca (RCNEI, 1998, p.21).

Dessa forma é importante que o professor, muito mais que um mediador do conhecimento, veja a criança não apenas como um aprendiz, ou a trate como adulto, mas a respeite de acordo com sua individualidade, seus valores morais, culturais, éticos e religiosos.

Logo, para que a relação aluno e professor, seja harmoniosa, e contribua no processo de ensino-aprendizagem o professor deve estar atento ao aluno, saber ouvir, identificar a linguagem corporal e estar aberto ao diálogo. Além desses aspectos, o professor deve ser um profissional bem qualificado, habitado para lidar com diversas áreas do conhecimento, precisa estimular a curiosidade com brincadeiras e jogos, instigar a capacidade crítica, promover o desenvolvimento, autonomia, transformação e a inclusão dentro e fora da sala de aula.

O educador deve ser parceiro do aluno e propiciar situações de cuidado que visam não somente práticas assistencialistas, mas relações de afeto e atenção. O termo cuidado é em geral utilizado quando se faz referência às funções consideradas importantes para as crianças, divididas entre as de natureza afetiva e as de ação prática, como aconchegar e responder às necessidades corporais, como alimentar e limpar. (Montenegro, 2001).

A ação do professor de educação infantil, como mediador das relações entre as crianças e os diversos universos sociais nos quais elas interagem, possibilita a criação de condições para que elas possam, gradativamente, desenvolver capacidades ligadas à tomada de decisões, à construção de regras, à cooperação, à solidariedade, ao diálogo, ao respeito a si mesmas e ao outro, assim como desenvolver sentimentos de justiça e ações de cuidado para consigo e para com os outros (BRASIL, 1998, p.43).

Assim, no decorrer do brincar, nos momentos em contato com as linguagens artís-

ticas, através das ações das crianças, é possível que o educador diagnostique problemas como valores morais, comportamentos nos diferentes ambientes, conflitos emocionais e cognitivos, ideias e interesses.

Portanto o educador possui um papel de um facilitador, ora orienta e dirige as atividades lúdicas, ora coloca as crianças como responsáveis de suas próprias brincadeiras.

Conclui-se, portanto, que durante a infância a criança se torna única a singular, aprende ao brincar e ao aprender ela pensa, analisa sobre sua realidade, cultura e o meio em que está inserida, criando forma, conceitos, ideias, percepções e cada vez mais se socializa através de interações. Ao brincar a criança se desenvolve integralmente, passa a conhecer o mundo em que está inserida. Portanto, o brincar não é apenas uma questão de diversão, mas uma forma de educar, de construir e de se socializar.

Logo, a criança na educação infantil explora os sentidos em tudo que faz. Assim, através de jogos, brincadeiras, atividades artísticas ela desenvolve sentimento, autoestima, capacidade de representar o simbólico, corporeidade, ou seja, desenvolve-se em todos os aspectos.

As brincadeiras, assim como a arte podem ir além de atividades práticas e precisam ser compreendidas como processos de aprendizagem que envolve sentimentos e emoções.

Crianças fazem poesia com a palavra, com os objetos, com o corpo inteiro. Elas pensam metaforicamente e expressam seu conhecimento do mundo valendo-se das muitas linguagens criadas e recriadas na cultura em que estão inseridas. As crianças são poetas, sim! Mas, que triste, lembra-nos Drummond em sua crônica: "[...] a escola não repara em seu ser poético, não o atende em sua capacidade de viver poeticamente o conhecimento e o mundo" (ANDRADE, 1976, p. 593).

Por conseguinte, o aspecto lúdico voltado para as crianças facilita a aprendizagem e o desenvolvimento integral nos aspectos físico, social, cultural, afetivo e cognitivo. Enfim, desenvolve o indivíduo como um todo, sendo assim, a educação infantil deve considerar o lúdico como parceiro e utilizá-lo amplamente para atuar no desenvolvimento e na aprendizagem da criança. Dessa forma o uso de recursos lúdicos dentro da sala de aula, assim como a arte, se faz necessário não apenas pelo fato de promover o conhecimento, mas por ser responsável por gerar uma formação integral e globalizada na criança. Logo, histórias, pintura, o "faz de conta" jogos, brincadeiras e outras atividades semelhantes ajudam a criança a entender e a demonstrar como o mundo a afeta.

Assim, comprometido com o resgate de seu próprio eu-criador, o professor amplia sua possibilidade de compreendê-las, de reconhecer seus "despropósitos" e apoiar suas buscas e escolhas. Converte-se, então, em parceiro privilegiado de novas e infinitas aventuras.

REFERÊNCIAS

AFLALO, C. – O direito de brincar: Dicas para criar e manter uma brinquedoteca – São Paulo, Ed. Martins Fontes, 1992.

ANDRADE, C. D. de. A educação do ser poético. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Rio de Janeiro, v. 61, n. 140, p. 593-594, out. 1976.

BENJAMIN, W. – Reflexões, a criança, o brinquedo, a educação – São Paulo, Ed.

Summus, 1994.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental – Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – Brasília, MEC/SEF, 1998.

EMERRIQUE, P. S. – Brincaprende: dicas lúdicas para pais e professores – Campinas, Ed. Papirus, 2003.

HORN, Maria da Graça Souza – A organização do espaço na educação infantil – Porto Alegre, Ed. Artmed, 2004

HUIZINGA, J. – Homo ludens: o jogo como elemento da cultura – São Paulo, Ed.

Perspectiva, 1996.

https://www.feevale.br/Comum/midias/325d6200-a6f7-420b-8192-

7f3fade7ee4d/A%20arte%20na%20educa%C3%A7%C3%A3o%20infantil%20sua%2 0contribui%C3%A7%C3%A3o%20para%20o%20desenvolvimento.pdf.

https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/320/1/01d14t01.pdf.

KISHIMOYO, T. M. – Jogo, a criança e a educação – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

_____ - Jogos tradicionais infantis: o jogo, a criança e a educação – Petrópolis, Ed. Vozes, 1993.

KRAMER, Sonia – Com a pré-escola na mão, Uma alternativa Curricular para a educação infantil – 6ª edição, São Paulo, Ed. Ática, 2003.

KUHLMANN, Jr. Moysés – Infância e Educação Infantil, Uma Abordagem Histórica – Porto Alegre, Ed. Mediação, 2001.

LEVISKY, D. L. – Psicanálise e pedagogia – São Paulo, Casa do Psicólogo, 2002.

LIMA, Elvira Souza – Brincar para quê? – São Paulo, Ed. Interalia, 2009.

MRECH, L. M. – Além do sentido e do significado: a concepção psicanalítica da